

UM

O
VIAJANTE

I

Kell trajava um casaco muito peculiar.

Não tinha apenas um lado, o que seria convencional, ou dois, o que seria inesperado, mas *múltiplos*: o que era, obviamente, impossível.

A primeira coisa que fazia sempre que passava de uma Londres a outra era tirar o casaco e revirá-lo uma ou duas vezes (ou mesmo três) até que encontrasse o lado de que precisava. Nem *todos* eram elegantes, mas cada um servia a um propósito. Havia os que se misturavam à multidão e os que se destacavam, e um que não possuía um objetivo, mas lhe agradava muito.

Assim, quando Kell cruzou a parede do palácio e entrou na antessala, levou alguns instantes para se recompor — viajar entre mundos tinha o seu preço —, e então escapuliu de seu casaco vermelho de gola alta e o revirou da direita para a esquerda para torná-lo uma simples jaqueta preta. Bem, uma simples jaqueta preta elegantemente alinhavada com fios prateados e adornada com duas colunas brilhantes de botões de prata. Só porque adotava uma paleta mais modesta quando estava no exterior (sem querer ofender a realeza local nem chamar atenção) não significava que deveria sacrificar o estilo.

Ah, reis, pensou Kell enquanto abotoava a jaqueta. Estava começando a pensar como Rhy.

Na parede atrás de si, conseguiu discernir o símbolo desbotado deixado pela sua passagem, como uma pegada na areia que já se desvanecia.

Ele nunca se dava ao trabalho de marcar a porta *deste* lado, simplesmente porque nunca retornava por ali. A distância entre Windsor e Londres era terrivelmente inconveniente considerando-se que, quando viajava entre mundos, Kell só podia se deslocar de um local em um deles ao mesmo exato ponto no outro. O que era um problema, pois não havia um Castelo de Windsor a um dia de viagem da Londres *Vermelha*. Na verdade, Kell acabara de vir da travessia do muro de pedra do pátio de um cavalheiro abastado em uma cidade chamada Disan. E Disan era, de modo geral, um lugar muito agradável.

Windsor, não.

Impressionante, com certeza. Mas não agradável.

Um balcão de mármore corria pela parede, e nele uma vasilha de água o aguardava, como sempre. Ele lavou a mão ensanguentada e a moeda de prata que usara como passagem, depois colocou no pescoço o cordão em que ela ficava pendurada e a escondeu novamente sob a gola da jaqueta. No salão à frente ele podia ouvir diferentes passos e o burburinho baixo de servos e guardas. Escolhera a antessala especificamente para evitá-los. Sabia muito bem quão pouco o príncipe regente gostava de sua presença, e a última coisa que desejava era uma plateia: um bando de ouvidos, olhos e bocas relatando ao trono os detalhes de sua visita.

Acima do balcão e da vasilha ficava um espelho de moldura dourada, e Kell verificou rapidamente seu reflexo antes de atravessar as portas para encontrar seu anfitrião. Seu cabelo castanho avermelhado caía sobre um dos olhos e ele não o ajustou, apesar de ter parado um momento para alinhar os ombros da jaqueta.

O cômodo estava sufocantemente quente, com as janelas trancadas apesar do que parecia ser um belo dia de outubro. Um fogo ardia raivosamente na lareira.

George III estava sentado ao lado dela, um manto encolhendo sua silhueta murcha e uma bandeja de chá intocada diante de

seus joelhos. Quando Kell entrou, o rei agarrou as beiradas de sua poltrona.

— Quem está aí? — perguntou o rei, sem se virar. — Ladrões? Fantasmas?

— Não creio que fantasmas lhe responderiam, Majestade — disse Kell, anunciando-se.

O monarca doente abriu um sorriso de dentes podres.

— Mestre Kell — disse ele. — Você me deixou esperando.

— Não mais que um mês — respondeu Kell, aproximando-se.

O rei George semicerrou os olhos cegos.

— Faz mais tempo, tenho certeza.

— Asseguro-lhe de que não.

— Talvez não para você — disse o rei. — Mas o tempo não passa da mesma forma para quem é louco ou cego.

Kell sorriu. O rei estava bem-disposto. Não era sempre assim. Ele nunca tinha certeza do estado em que encontraria sua majestade. Talvez parecesse fazer mais de um mês porque na última visita o rei estava temperamental e Kell quase não conseguira acalmar seus nervos esfrangalhados por tempo suficiente para lhe entregar sua mensagem.

— Talvez o ano tenha virado — continuou o rei — e não o mês.

— Ah, mas o ano é o mesmo.

— E que ano é este?

Kell franziu o cenho.

— 1819 — afirmou.

Uma sombra obscureceu o semblante do rei George, que apenas balançou a cabeça.

— Tempo — disse o rei, como se aquela palavra pudesse ser culpada por tudo. — Sente-se, sente-se — acrescentou, apontando para o cômodo. — Deve haver outra cadeira em algum lugar.

Não havia. O quarto estava surpreendentemente vazio, e Kell tinha certeza de que as portas no saguão eram trancadas e destrancadas por fora e não por dentro.

O rei estendeu a mão nodosa. Haviam retirado os anéis para evitar que se machucasse, e as unhas estavam aparadas rentes aos dedos.

— Minha carta — disse, e por um instante Kell vislumbrou um lampejo de George como fora um dia. Régio.

Kell tateou os bolsos e percebeu que se esquecera de pegar o bilhete antes de se trocar. Despiu a jaqueta e a retornou por um instante ao lado vermelho, revirando suas dobras até encontrar o envelope. Quando o colocou nas mãos do rei, este afagou e acariciou o selo (o emblema do trono vermelho incrustado na cera, o cálice com um sol nascente), depois levou o papel ao nariz e inspirou.

— Rosas — disse com melancolia.

O rei estava se referindo à magia. Kell nunca notava o suave perfume aromático da Londres Vermelha entranhado em suas roupas, mas, sempre que viajava, alguém invariavelmente lhe dizia que cheirava a flores recém-cortadas. Alguns mencionavam tulipas. Outros, lírios-orientais. Crisântemos. Peônias. Para o rei da Inglaterra, eram sempre rosas. Kell ficava satisfeito em saber que era um perfume agradável, mesmo que não fosse capaz de percebê-lo. Podia sentir o da Londres Cinza (fumaça) e o da Londres Branca (sangue), mas, para ele, a Londres Vermelha cheirava apenas ao seu lar.

— Abra-a para mim — instruiu o rei. — Mas não danifique o selo.

Kell procedeu como instruído e retirou o conteúdo. Desta vez agradeceu pelo fato de o rei não poder mais enxergar; assim não saberia o quão breve era a carta. Três pequenas linhas. Uma cortesia concedida àquela autoridade simbólica e doente, e apenas isso.

— É de minha rainha — explicou Kell.

O rei assentiu.

— Prossiga — comandou, assumindo um semblante majestoso que contrastava com seu estado frágil e sua voz vacilante. — *Prossiga*.

Kell pigarreou.

— Saudações à Vossa Majestade, o rei George III, de um trono vizinho — leu.

A rainha não se referia ao seu como o trono *vermelho* nem mandava saudações da Londres *Vermelha* (ainda que a cidade fosse de um carmim vivo graças à forte luminosidade do rio), simplesmente porque não pensava daquela forma. Para ela, e para qualquer um que habitasse apenas uma Londres, havia pouca necessidade de diferenciá-las. Quando os governantes de uma cidade se comunicavam com os de outra, os chamavam somente de *outros*, ou *vizinhos*, ou, em algumas ocasiões (particularmente com relação à Londres Branca), usavam termos menos lisonjeiros.

Somente os poucos capazes de transitar por entre as diversas Londres precisavam de um modo de diferenciá-las. Então, Kell, inspirado pela cidade perdida conhecida por todos como Londres Preta, designara uma cor para cada capital remanescente.

Cinza para a cidade sem magia.

Vermelho para o império vigoroso.

Branco para o mundo faminto.

Na verdade, as cidades guardavam pouca semelhança entre si (e menos ainda os países à sua volta e além). O fato de todas se chamarem *Londres* era um mistério, mas a teoria predominante era a de que uma das cidades assumira o nome havia muito tempo, antes que se lacrassem as portas e que a única coisa autorizada a transitar de uma a outra fosse a correspondência entre reis e rainhas. Não havia consenso com relação a qual cidade tinha reivindicado o nome primeiro.

— Esperamos que esteja bem — continuava a carta da rainha — e que a estação esteja tão amena na sua cidade quanto está na nossa.

Kell fez uma pausa. Não havia mais nada exceto a assinatura. O rei George torceu as mãos.

— Isso é tudo? — perguntou ele.

Kell hesitou.

— Não — afirmou, dobrando a carta. — Foi apenas o início. — Ele pigarreou e começou a caminhar lentamente enquanto organizava seus pensamentos e os colocava na voz da rainha. — Agradeço por se preocupar com nossa família. O rei e eu estamos bem. O príncipe Rhy, por sua vez, continua nos impressionando e enfurecendo na mesma medida, mas pelo menos passou o último mês sem quebrar o pescoço ou ficar noivo de uma pretendente inadequada. Somos gratos a Kell por evitar que o príncipe fizesse uma dessas coisas, ou ambas. — Kell tinha a intenção de continuar fazendo a rainha divagar sobre os seus méritos, mas então o relógio na parede badalou cinco vezes e ele praguejou baixinho. Estava atrasado. — Até minha próxima carta — concluiu. — Desejo que permaneça feliz e bem. Afetuosamente, sua alteza Emira, rainha de Arnes.

Kell esperou que o rei dissesse algo, mas os olhos cegos sustentavam um olhar vidrado e distante, e o viajante receou que o tivesse perdido. Deixou o bilhete dobrado na bandeja de chá e já estava a meio caminho da parede quando o rei falou:

— Não tenho uma carta para ela.

— Não tem problema — disse Kell gentilmente.

O rei não conseguia escrever uma carta havia muitos anos. Em alguns meses ele tentava, arrastando a pena a esmo pelo pergaminho, e em outros insistia em ditá-la para Kell, mas na maioria dos meses ele simplesmente narrava a mensagem e Kell prometia memorizá-la.

— Entenda, não tive tempo — acrescentou o rei, tentando salvar um vestígio de dignidade. Kell concedeu isso ao rei.

— Compreendo — disse. — Transmitirei suas melhores estimas à família real.

Kell se virou para sair, e novamente o rei gritou que parasse.

— Espere, espere — protestou. — Volte.

Kell se deteve. Seus olhos se voltaram para o relógio. Estava cada vez mais atrasado. Imaginou o príncipe regente sentado à sua mesa em St. James, agarrado à cadeira e fervilhando de impaciên-

cia. O pensamento fez com que Kell sorrisse, então retornou para o rei enquanto este tirava algo de suas vestes com dedos desajeitados.

Uma moeda.

— Está desvanecendo — afirmou o rei, aninhando o metal em suas mãos envelhecidas como se fosse precioso e frágil. — Não consigo mais sentir a magia. Nem o aroma.

— Uma moeda é só uma moeda, Majestade.

— Não é, e você sabe disso — resmungou o velho rei. — Esvazie seus bolsos.

Kell suspirou.

— O senhor vai me colocar em apuros.

— Vamos, vamos — disse o rei. — Nosso segredinho.

Kell enfiou a mão em um bolso. Na primeira vez que visitara o rei da Inglaterra, entregara-lhe uma moeda como prova de quem era e de onde vinha. A história de outras Londres era confiada à coroa e passada de herdeiro para herdeiro, mas fazia anos desde que o último viajante se apresentara. O rei George olhara para o rapaz, estreitara os olhos e estendera sua mão robusta, e Kell depositara a moeda em sua palma. Era um simples *lin*, muito semelhante ao xelim da Londres Cinza, porém cunhado com uma estrela vermelha no lugar da face real. O rei fechara seu punho sobre a moeda e a levava para perto do nariz, inalando seu perfume. E então sorria, guardara a moeda em seu manto e acolhera Kell no palácio.

Daquele dia em diante, sempre que Kell o visitava, o rei insistia que a magia havia se desgastado e o fazia trocá-la por outra moeda, nova e ainda guardando algum calor dos bolsos. Todas as vezes, Kell avisava que a prática era proibida (e era mesmo, terminantemente), e todas as vezes o rei insistia que aquilo seria seu segredinho, e então Kell suspirava e tirava uma nova peça de metal de seu casaco.

Desta vez, pegou o velho *lin* da palma da mão do rei e o trocou por um novo, fechando os dedos nodosos de George sobre a moeda.

— Isso, isso — murmurou o rei para a moeda em sua mão.

— Cuide-se — falou Kell enquanto se virava para sair.

— Sim, sim — disse o rei, seu foco extinguindo-se até ficar perdido para o mundo e para seu convidado.

Havia cortinas fechadas em um canto do cômodo, e Kell afastou o tecido pesado para revelar uma marca no papel de parede decorado. Um círculo simples dividido ao meio por uma linha, desenhado em sangue um mês antes. Em outra parede de outro cômodo de outro palácio, havia a mesma marca. Eram como maçanetas em lados opostos de uma mesma porta.

O sangue de Kell, quando emparelhado com o símbolo, permitia que se movesse por *entre* os mundos. Não era necessário especificar um lugar porque, onde quer que estivesse em um, era para lá que iria no outro. Mas, para fazer uma porta *dentro* de um mundo, ambos os lados precisavam estar marcados exatamente com o mesmo símbolo. Parecido não era o bastante. Isso Kell aprendera do jeito mais difícil.

O símbolo na parede ainda estava visível da última visita, as bordas apenas um pouco borradas, mas não importava. Tinha que ser refeito.

Ele dobrou a manga e libertou a faca que mantinha atada à parte interna de seu antebraço. Era um objeto admirável, aquela faca, uma obra de arte, prateada da ponta ao cabo e gravada com seu monograma: *K e L*.

A única relíquia de outra vida.

Uma vida que não conhecia. Ou, ao menos, da qual não se lembrava.

Kell levou a lâmina até o dorso de seu antebraço. Já havia entalhado uma linha naquele dia para a porta que o levara até ali. Agora cortava uma segunda. Seu sangue vermelho-vivo brotou e se espalhou, então ele devolveu a faca à sua bainha e tocou o corte com os dedos e depois a parede, redesenhando o círculo e a linha que o cruzava. Kell baixou a manga da camisa sobre a ferida — trataria todos os cortes quando chegasse em casa — e olhou de relance para

o rei balbuciante antes de pressionar sua palma estendida na marca na parede.

A marca zumbiu com magia.

— *As Tascen* — proferiu. *Transportar*.

O papel de parede adornado enrugou-se, suavizou-se e cedeu ao seu toque, e Kell avançou através dele.